COM-ATO, E SEM-ATO, ... E A FRONTEIRA DO ATO.

Contato e Fronteira de Contato em Gestalt Terapia e em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

Em geral, pensamos a idéia de *Contato* como *Com-tato*. Como forma de aproximação, tangenciamento, ou de toque; algo ligado ao *tátil*. Por vários motivos, a formulação, e a limitação, a esta modalidade da formulação do conceito de *Contato* em Gestalt Terapia, e em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial, é fonte de óbvios e essenciais equívocos e confusões. Em particular, quando consideramos o conceito em sua mais própria acepção fenomenológico existencial. No sentido comum, objetivista, o conceito situa o *contato* num espaço e num tempo ôntico. Quando, efetivamente, como eminentemente da ordem da *ação*, do ato, o *contato* é, eminentemente, tempo e espacialização ontológicos, fenomenológico existenciais.

O sentido da palavra *contato* neste âmbito não diz respeito simplesmente a *tato*, ao *tátil*. Mas a *ato*, a *ação*; ao *ativo*, especificamente.

Ou seja, algo, na origem, em seu sentido, como 'computado o ato', 'computada a ação'; incluído, contido (continere), o **ato**; especificamente **ativo** [con(putado o)ato], Contato.

O *tátil*, especificamente, pode ser, tipicamente, *com ato*, *ação*, *atualização*. Ou *sem ato*.

Vale observar que o próprio sentido *tátil* do *contato*, de *tangens*, tem a ver com a potência de algo que pode acontecer, ou não, como em *con*tin gente*ⁱ. Como é especificamente próprio à *ação*. *Contato*, num sentido fenomenológico existencial, tem a ver com *o con*ting ente, tátil*, que efetivamente *acontece*. No sentido fenomenológico existencial: como vivência fenomenológico existencial de *atualização* de possibilidades. *Ação*.

Não se trata, portanto, para nós, no sentido fenomenológico existencial, de *Com-tato*; mas *Com-ato*, *cum-ato*... *Ação*.

De qualquer forma, ainda que todas estas, e outras, possibilidades estejam abertas para uma tal interpretação etimológica, o interesse de nossa questão não é etimológico, mas toca a definição do sentido ontológico que o conceito de *contato* especificamente implica, como *ação*.

O *sentido tátil* da idéia de *Contato* implica em geral uma objetivista relação sujeito-objeto dicotômica. E uma relação *propositada*: ou seja, uma relação que tem uma resolução prévia.

O *Contato*, a *ação*, o *ato*, é especificamente fenomenológico existencial.

Ou seja, dá-se, especificamente, no modo de sermos da integridade da existência intencional. Fora, portanto, do modo de sermos – comportamental, ou reflexivo -- da dicotomia sujeito-objeto.

Ao mesmo tempo em que, especificamente ao modo fenomenológico existencial de sermos -- ação pontual, vivencial, enquanto atualização, desconhecida, inconveniente, e incerta, de possibilidades --, o contato é, em si mesmo, e portanto, eminentemente despropositado. Despropositada ação. Hermenêutico, e criativo.

O motivo de um ato vivo só adquire realidade no próprio ato.

(**Thomas Merton**, Mensagem aos Poetas).

Aqui, como em qualquer lugar, a única solução para um problema humano é a invenção experimental. (Fritz Perls).

De modo que se faz necessário esquecermos, com relação ao conceito, o *sentido tátil* de *Contato*, tão vulgarizado. E entender, e explorar, e experimentar, os seus refinados, sutis, e ontológicos sentidos, e características, especificamente concernentes à *ação* – por definição fenomenológico existencial empírica, experimental, e ativa.

Contato é, especificamente, assim, a atualização fenomenológico existencial, vivida – portanto --, ***de possibilidades***. O ser/devir, o ativo vir a ser, na ventura (de vento), à ventura, do desdobramento, em ato, da força existencial de ser/devir que constantemente somos. Força, potência, possível, possibilidade, que inexiste em real, que inexiste objetiva, ou subjetivamente, mas que existe enquanto *vivência, intencional*; e que, enquanto tal, pressiona por *ex-pressar-se, ex-peri-mentalmente, ex-peri-encialmente, em-piri-camente: “ato alizar-se”, atoação*.

Em específico, assim, a *atualização* de possibilidades configura o que chamamos de *attum*, de *ato*, de *ação*. Que especificamente, se dá em, e como, o nosso modo fenomenológico existencial de sermos; igualmente, grosso modo, *vivencial, vivido, pré-reflexivo, pré-conceitual, eu-tu, dialógico, ser-no-mundo... Contato*.

Muito propriamente, este modo de sermos é, especificamente, o modo de sermos *com ato, com ação*. É o modo de sermos em que somos *ativos*. Em que somos *ação*, ou seja, em que somos atualizantes fenomenológico existenciais de possibilidades. *Com-ato, Contato*.

A Fronteira de Contato é a fronteira entre o com ato e o sem ato.

É, portanto, a *fronteira*, fenomenológica -- que só se dá fenomenológico existencialmente, vivencialmente, em nosso modo fenomenológico existencial --, entre os modos ativo e não ativo de sermos. É a fronteira, a tensão, da potência

meramente *com*tin gente* do possível, e da possibilitação, da atualização, da *inter-prètação* (fenomenológico existencial).

Ao nosso modo *re-flexivo* de sermos, não atualizamos possibilidades. Especificamente *re-incidimos*, em nosso modo *re-flexivo*, sobre produtos da ação; da atualização, acontecida, já, de possibilidades; re-incidimos sobre o acontecido, mas não atualizamos, não acontecemos, não *agimos*.

Igualmente, não atualizamos possibilidades em nosso modo *comportamental* de ser. Em nosso modo comportamental de sermos dispomos o *cum-portado*. Os padrões de ser e estar que "*portamos*" *cum-nosco*: padronizados, re-petitivos, mas, igualmente, não atualizamos possibilidades, não acontecemos, não *agimos*.

Tipicamente, assim, nesses modos de sermos, o *reflexivo*, e o *comportamental*, não somos ativos; não somos/devimos ativamente. Ou seja, estes não constituem o modo de sermos da *ação*, o modo de sermos *com-ato*, *contato*: neles não vivenciamos, fenomenológico existencialmente, a dimensão do *possível*. E, assim, neles não vivenciamos fenomenológico existencialmente o possível, e o seu desdobramento vivencial em ação, não atualizamos possibilidades...

Evidentemente, que ambos os modos de sermos, *com ato*, e *sem ato*, nos constituem, e constituem o nosso saudável funcionamento.

Ocorre, entretanto, que a ação implica em incerteza, despropósito, desestruturações, inconveniências; e, supostamente, a restrição, o malquerer a ação, implicaria em benefícios, e segurança. Toda a restrição socrático platônica ao corpo, ao vivido, e aos sentidos; toda a restrição da mudança, condiciona um preconceito, e um malquerer com relação à ação, com relação ao nosso modo ativo de sermos.

A restrição desse modo ativo de sermos, implica a redução de nossa criatividade existencial, a redução de nossa saúde. Implica a redução de nossa capacidade de enfrentamento e afrontamento das dificuldades, finitudes, paralisias e sofrimentos intrínsecos a nossa condição humana. Implica na redução do que somos enquanto possibilidade e potência; em particular, o desfrute de nosso ser criativo e potente.

De forma que a nossa saúde compreende uma saudável alternância entre nossos modos de ser caracteristicamente ativos, *com-ato*, e nossos modos de ser não ativos. Propensos sempre a uma afinidade com o nosso *modo ontológico* de sermos, com as suas resoluções, o nosso modo fenomenológico existencial de sermos, ativos, *com-ato*.

ⁱ Webster Dictionary, NY, Gramercy Books, 1913.

Con*tin"gent (?), a. [L. contingens, -entis, p.pr. of contingere to touch on all sides, to happen; con- + tangere to touch: cf. F. contingent. **1.** Possible, or liable, but not certain, to occur; incidental; casual. **2.** Dependent on that which is undetermined or unknown; Uncertain...